

São José Gregorio Hernández e o esplendor da resistência popular venezuelana

Boletim de arte n. 22 (Dezembro 2025)



☒ Ouça Santo José Gregorio - Daniel Santos

Ouça a música “Santo José Gregorio”, de Daniel Santos.

Ao entrar em uma casa típica venezuelana, provavelmente haverá um retrato ou uma pequena estátua de um homem distinto e esguio, de terno e chapéu pretos, com um bigode bem feito, mãos cruzadas atrás das costas e uma vela acesa ao seu lado. Conhecido carinhosamente como “O Médico dos Pobres” e “O Santo do Povo”, São José Gregorio Hernández (1864-1919) não é apenas uma figura de devoção católica, mas uma das imagens mais reconhecidas na cultura popular venezuelana, especialmente entre a classe trabalhadora, que há muito tempo recorre a ele em busca de cura e proteção. Nos últimos anos, e especialmente em meio à escalada de ataques do governo Trump à Venezuela, esse santo popular ganhou um novo significado.

Mais de um século após sua morte, a **canonização** de Hernández pelo Vaticano em 19 de outubro de 2025

coincidiu com uma nova onda de agressão imperialista contra a Venezuela. Em março de 2025, o governo Trump invocou a Lei de Inimigos Estrangeiros para atacar supostos membros do Tren de Aragua como “inimigos estrangeiros”, alegando – sem apresentar nenhuma prova – que os migrantes venezuelanos nos Estados Unidos tinham vínculos com a gangue. No início do mesmo mês, cerca de 250 migrantes venezuelanos foram **deportados** para o Centro de Confinamento de Terrorismo (CECOT) do presidente salvadorenho Nayib Bukele, uma mega-prisão **condenada** por organizações de direitos humanos por suas condições semelhantes às de um campo de concentração. Então, no final de agosto de 2025, os EUA começaram a organizar o maior **destacamento militar** no Caribe desde a Crise de Outubro de 1962 (conhecida no Ocidente como a Crise dos Mísseis de Cuba). Nos meses que se seguiram, os EUA realizaram uma série de ataques ilegais a pequenas embarcações nas águas da Venezuela que mataram mais de oitenta pessoas. Nesse contexto, muitos venezuelanos abraçaram ainda mais São José Gregório como um símbolo da capacidade inabalável de seu país de superar esses grandes desafios.

Embora ele não fosse um artista, o significado de São José Gregório para nós está no fato de que um povo sob cerco transformou uma figura religiosa em um símbolo de devoção popular e resistência nacional. Hoje em dia, as representações de São José Gregório não estão mais confinadas às igrejas e às casas dos devotos, mas aparecem em murais e *outdoors* em todo o país e nas gravuras e estatuetas vendidas por vendedores ambulantes, inserindo sua imagem na vida cotidiana.

Uma vida a serviço do povo



Escultura de Francisco Narváez em homenagem a São José Gregorio Hernández, Universidade Central da Venezuela, 1950.

José Gregorio Hernández Cisneros nasceu em 1864 na pequena cidade de Isnotú, aninhada nos Andes venezuelanos, no momento em que o país emergia da devastação da Guerra Federal e se refundava como Estados Unidos da Venezuela sob uma frágil constituição federal. Ele era um dos sete filhos de um vendedor de produtos farmacêuticos e de gado e uma empregada doméstica. Desde muito jovem, Hernández demonstrou ser uma promessa intelectual excepcional. Quando se formou como médico em 1888 – nos primeiros anos do projeto de modernização liberal que se seguiu à longa ditadura de Antonio Guzmán Blanco – ele já **dominava** inglês, francês, português, alemão e italiano, e tinha um conhecimento prático de hebraico. Hernández também estudou filosofia, música e teologia em uma época em que o Estado venezuelano estava expandindo a educação secular e, ao mesmo tempo, negociando seu relacionamento difícil com a Igreja Católica.

Depois de se formar em 1888, Hernández exerceu a profissão por um breve período em Caracas, dividindo um pequeno quarto em La Pastora que servia ao mesmo tempo como quarto, consultório e até mesmo uma alfaiataria improvisada, e muitas vezes oferecendo suas próprias refeições aos pobres do bairro. Quando seu mentor, Dr. Santos Dominici, se ofereceu para ajudá-lo a montar um consultório adequado na capital, Hernández recusou, dizendo que desejava voltar para sua cidade natal, Isnotú. “Um dia, minha própria mãe me pediu que voltasse para aliviar as dores das pessoas humildes de nossa terra. Agora que sou médico, percebo que meu lugar é entre os meus”, disse Hernández ao Dr. Dominici. Em agosto daquele ano, ele empreendeu a longa e desconfortável jornada de volta aos Andes – viajando de barco de La Guaira ao longo da costa e passando por Curaçao, atravessando o Lago Maracaibo até La Ceiba e depois de mula para o interior – para trabalhar como **médico rural**. Em cartas desse período, ele descreveu como cuidava de pacientes que sofriam de disenteria, asma, tuberculose e reumatismo e lutava contra as superstições profundamente arraigadas da época; **superstições** que complicavam a confiança das pessoas no tratamento médico.

A excepcional habilidade de Hernández como médico e sua dedicação ao povo não passaram despercebidas. Enquanto ele ainda procurava um lugar para estabelecer seu consultório nos Andes, um decreto do presidente Juan Pablo Rojas Paúl criou o novo Hospital Vargas em Caracas e autorizou o Estado a enviar um jovem médico venezuelano de “boa conduta e reconhecida aptidão” a Paris para estudar as mais recentes ciências experimentais — microscopia, bacteriologia, histologia e fisiologia experimental — e depois retornar para modernizar a educação médica no país. Hernández foi escolhido para essa missão. Em 1889, ele viajou para a França e trabalhou no laboratório do eminente histologista Mathias Duval. Hernández voltou para casa, trazendo alguns dos primeiros **microscópios** para o país e tornou-se um dos pioneiros da medicina científica moderna na Venezuela, especialmente nos campos da bacteriologia e da histologia.

Juntamente com suas realizações científicas, Hernández tentou duas vezes ingressar no sacerdócio, em 1908 e novamente em 1912. No entanto, sua própria saúde frágil o impediu de concluir seus estudos nas duas vezes. Ele continuou exercendo a medicina, ganhando fama em Caracas por seu cuidado altruísta com os pobres, muitas vezes cobrindo ele mesmo o custo do tratamento de seus pacientes. Ele também desempenhou um papel fundamental no atendimento aos pacientes quando a devastadora **pandemia** de gripe espanhola devastou o país em 1918, causando mais de 25 mil mortes (cerca de 1% da população).

Em 29 de junho de 1919, Hernández morreu tragicamente após ser atropelado por um carro. Sua vida de serviço abnegado e devoção religiosa, combinada com sua morte repentina, transformou-o imediatamente em um santo popular, cuja importância para a religião popular logo transcendeu as fronteiras da Venezuela. Muito antes de o Vaticano considerá-lo santo, o povo já havia canonizado São José Gregório.

O esplendor do ser



Palmira Correa, *José Gregorio Hernández*, n.d.

Embora fosse principalmente um médico, São José Gregório também se envolveu com a filosofia, desenvolvendo uma visão profundamente humanista da arte que se recusava a separar a beleza da ética. Em uma sociedade marcada pelo poder oligárquico liberal, pela cultura latifundiária e pelo avanço desigual do capitalismo, ele tratou a estética não como uma fuga, mas como uma questão de como a dignidade humana é defendida e ampliada.

Para São José Gregório, a beleza era o “esplendor do ser”, que só pode ganhar forma material por meio de ações orientadas para o bem. Em outras palavras, a beleza — como ética — não é apenas algo a ser contemplado, mas algo a ser feito no mundo.

Em 1912, ele escreveu o ensaio em prosa “Visión de arte” [Visão da arte], que culmina com a reação exaltada do narrador a uma cena em que Cristo realiza o Milagre dos Pães e Peixes. O ensaio foi publicado originalmente junto com uma reprodução da obra monumental *La multiplicación de los panes y los peces* [A multiplicação dos pães e dos peixes, 1897], de Arturo Michelena, pintada para a Basílica Menor de Santa Capilla, em Caracas. Na obra de Michelena, o milagre se desenrola em meio a uma tempestade que se forma na água, emoldurada por palmeiras, enquanto as pessoas distribuem alimentos entre si e Cristo está no centro. Essa imagem fundamenta o ideal estético de Hernández não em uma teoria clássica isolada, mas na forma mais elevada de compaixão e justiça divinas estendidas aos necessitados. Lida por meio de sua compreensão da beleza estética como ação ética, a cena se torna um argumento para a justiça social como esplendor: a beleza é percebida quando os famintos são alimentados, a escassez é respondida pela provisão compartilhada e a compaixão toma forma material entre as pessoas comuns. O esplendor, portanto, não se limita à tela ou à capela. Ela se concretiza em atos de dignidade coletiva, muitas vezes forjados em meio à turbulência, quando a demanda por ela se torna mais urgente.

Um santo do povo na arte e na cultura



Mural de São José Gregorio Hernández por @hamktrazos, 2025. Foto: Daniel Hernández García.

A veneração a Hernández foi, desde o início, um fenômeno de base. Embora a elite intelectual também tenha lamentado seu falecimento, foram os artesãos, os trabalhadores industriais, os proprietários de pequenas empresas e os trabalhadores domésticos que, em gratidão por seu serviço e em admiração por sua piedade, transformaram-no em um santo popular.

Os jornais informaram que, em seu enterro em 1919, a multidão era tão grande que impediu que a carreata chegasse ao cemitério em Caracas. Algumas pessoas insistiam em carregar seu caixão, enquanto outras jogavam flores de suas varandas como humildes oferendas. As homenagens em seu túmulo rapidamente se transformaram em peregrinações, com as pessoas viajando longas distâncias até o local do túmulo em busca de melhoria da saúde por meio de sua intercessão. A crença em seu poder de realizar milagres se espalhou rapidamente — histórias de orações atendidas e de sonhos em que ele aparecia realizando operações médicas complexas nos doentes. Na década de 1970, o grande número de velas acesas perto de seu túmulo representava um risco de incêndio e, em 1975, seus restos mortais foram transferidos para uma igreja no centro de Caracas.

O *status* de Hernández como santo popular era tão grande que transcendia a oposição institucional. Em 1957, o renomado nacionalista e cantor porto-riquenho Daniel Santos, conhecido como a voz da classe trabalhadora do Caribe, **gravou o bolero** “Santo José Gregorio”. Em resposta, a Igreja Católica pressionou a ditadura de Marcos Pérez Jiménez a proibir a música na Venezuela porque o Vaticano ainda não havia aprovado a

canonização de Hernández. No entanto, a música continuou circulando, um lembrete de que a devoção e a cultura popular se movem mais rapidamente do que a aprovação eclesiástica.

Além disso, Hernández foi incorporado ao maior movimento espiritual popular da Venezuela, a devoção sincrética a María Lionza. Ele se tornou uma figura em uma das “cortes” espirituais do movimento — grupos reverenciados de espíritos reconhecidos por atributos específicos — e era especialmente venerado por seu poder de cura. Em países vizinhos, como a Colômbia, há até mesmo uma congregação autoproclamada de *gregorianos* (seguidores de José Gregorio) que realizam rituais em seu nome. Essas associações com o espiritismo e o mundo esotérico atrasaram seu reconhecimento formal pela Igreja. Em outubro, o presidente Nicolás Maduro chegou a **criticar** publicamente autoridades eclesiásticas, incluindo o cardeal venezuelano Baltazar Porras, por tentar obstruir o processo. No final, porém, o fervor popular prevaleceu.

Hoje, com a intensificação da agressão imperialista contra a Venezuela, São José Gregório se tornou, sem dúvida, uma das figuras mais representadas na arte popular venezuelana, perdendo apenas para o herói nacional Simón Bolívar. Semanas antes de ser canonizado, centenas de murais, grafites e esculturas de Hernández apareceram em todo o país. Inúmeros **artistas** e artesãos criaram imagens dele, juntamente com obras de escultores e pintores famosos como Francisco Narváez, Marisol Escobar e Alirio Palacios, consolidando ainda mais seu lugar na consciência nacional. Outrora um símbolo religioso de solidariedade com os pobres e doentes, São José Gregório tornou-se uma expressão de orgulho nacional, unidade e insistência obstinada de um povo em sua própria dignidade diante da agressão imperialista.

Um santo em tempos de paz e guerra



Esquerda: Rosana Silva, *Gayito Miliciano*, 2025; direita: Giuliano Salvatore, *José Gregorio Hernández*, 2024.

São José Gregório é frequentemente considerado um homem de paz, uma noção alimentada não apenas por sua vida piedosa, mas também pelo fato de sua morte ter coincidido com a assinatura do Tratado de Versalhes, em 28 de junho de 1919, que encerrou a Primeira Guerra Mundial. Entre seus devotos, essa coincidência não é acidental, mas providencial: muitos acreditam que ele conscientemente ofereceu sua vida como um ato de intercessão para encerrar a guerra. No entanto, as ações do santo durante sua vida revelam não apenas um compromisso com a paz, mas também um profundo compromisso com a soberania nacional. Em 1902, quando a Grã-Bretanha, a Alemanha e a Itália impuseram um bloqueio naval à Venezuela para exigir o pagamento da dívida externa — um dos primeiros exemplos do tipo de diplomacia de canhoneira que vemos hoje — o presidente Cipriano Castro conclamou todos os cidadãos a se unirem e defenderem a pátria. De acordo com o historiador Miguel Yaber, São José Gregório foi o **primeiro homem a se alistar para as milícias** em seu escritório de recrutamento local, atendendo ao chamado de pegar em armas para defender seu país.

Talvez hoje — quando a Venezuela enfrenta mais uma vez um cerco imperialista, com mais de 8 milhões de venezuelanos se unindo voluntariamente às milícias populares para defender a soberania da nação — São José Gregório ainda tenha uma mensagem para seu povo: às vezes precisamos lutar para defender a vida e garantir a paz. A mesma imagem que antes representava uma devoção silenciosa agora é vista nos muros e faixas do

bairro como uma declaração coletiva de que o povo venezuelano não se renderá.

Carlos Ron,
Co-coordenador da Tricontinental Nuestra América